

## De anjo do céu à esfinge sem segredo: a (des)mitificação da figura romanesca e emblemática da mulher

RAFAEL GERALDO VIANNEY PERES

**Resumo:** O artigo em evidência tem como meta analisar a figura feminina do poema “Anjos do Céu”, de Álvares de Azevedo, comparando-a com a do conto “A esfinge sem segredo”, do escritor irlandês Oscar Wilde. O papel da mulher na sociedade tem sido fruto de amplos estudos desde a antiguidade até os dias atuais. Com a ajuda de suporte bibliográfico recuperar-se-á o perfil emblemático da mulher no século XIX dentro das obras citadas acima. Tal tarefa tem a função de inferir no comportamento feminino nos textos mencionados, comparando-os de acordo com a perspectiva alçada.

**Palavras-chave:** Romantismo. Idealização. Burguesia. (Des)mitificação.

### *Considerações iniciais*

No Brasil pós-colônia do século XIX, o aparecimento da mulher em espaço público, fora de ocasiões oportunas, era mal visto e condenado pela sociedade. Se o papel da mulher na vida civil foi praticamente extirpado, na vida privada ocorreu justamente o contrário. Era somente no reduto familiar que a personalidade feminina com todas as suas contradições, poderia ser revelada, tudo para preservar a família, os interesses do marido e principalmente a honra e a tradição de toda uma geração.

Nesse sentido, Maria Ângela D’Incão explicita que a mulher exercia várias funções dentro do espaço familiar, daí sua importância e idealização por parte da burguesia dominante:

A distribuição de papéis [...] revela a crescente santificação da mulher como mãe, através do sofrimento, enquanto todos os deveres do pai apontam na direção de ganhar dinheiro para o sustento da família. Pode-se sentir, por parte da mulher, o cultivo da domesticidade e dos deveres de ser esposa. Toda fragilidade e, ao mesmo tempo, fortaleza de mãe é sublinhada (D’INCAO, in DEL PRIORE, 1997, p. 237).

A maioria dos países europeus também se consolidava sob o estigma burguês<sup>1</sup>. Se na vida pública, o controle burguês dos diversos segmentos sociais era evidente, no

---

<sup>1</sup> O estigma burguês da Europa influenciou o Brasil pós-colônia. Especificando tal afirmativa, tem-se que o padrão de vida da burguesia francesa, assim como as premissas da arte romântica do país, foram imitados na capital do império e nas grandes metrópoles brasileiras.

âmbito particular tal comando tinha mais influência ainda. As mulheres que antes participavam ativamente na esfera econômica isolaram-se completamente nos palacetes dos maridos burgueses. O que ocasionou tal fato foi a migração da aristocracia para os grandes centros urbanos. Era necessário que as classes abastadas saíssem das margens dos grandes campos industriais, onde a miséria e as más condições de vida eram visíveis (PERROT, 2009).

A Inglaterra do século XIX era considerada socialmente burguesa e vitoriana. Os aspectos burgueses eram condizentes com o contexto europeu descrito nos parágrafos anteriores. Já as características que definiam a sociedade inglesa como “vitoriana” eram muito delimitadas por ideais como honradez, virtude e bons costumes. Os aristocratas vitorianos também apreciavam os modos refinados e os portentosos salões e clubes londrinos, lugares estes propícios para o encontro “arranjado” de jovens “da boa sociedade, cujos costumes irrepreensíveis inspiravam confiança” (PERROT, 2009, p. 219). Assim a coerência dos costumes vitorianos unia-se ao molde burguês de forma satisfatória, regimentando os papéis tanto do homem quanto da mulher, esta última, de maneira bem mais autoritária em relação ao seu modo de agir publicamente.

A primeira parte aqui considerada buscou focar a sociedade burguesa no Brasil pós-colônia e as relações da mulher nos ambientes privado e público. Na segunda parte pôde-se perceber que os aspectos burgueses da sociedade vitoriana assemelhavam-se aos do Brasil. Com a exposição dos dois contextos, questiona-se o verdadeiro perfil da mulher dentro das respectivas obras que serão alçadas. Com isso objetiva-se avaliar a dama romântica e seu trajeto até a (des)mitificação de sua figura idealizada. Para esse expediente serão utilizadas referências bibliográficas que deem embasamento às colocações tecidas no artigo, interpondo assim teorias que sustentem a credibilidade do texto.

As descrições anteriores foram feitas com o intuito de recortar a figura da mulher nos referidos contextos para que o estudo do poema “Anjos do céu”, juntamente com o conto “A esfinge sem segredo”, não se dissociem de seus contextos. Pretende-se realizar um estudo comparativo destas duas obras, a fim de resgatar a figura romanesca da mulher e a visão de cada autor perante esta, oportunizando todos os aspectos possíveis das obras citadas, para melhor entendimento da temática por parte do leitor.

### *Álvares de Azevedo e seus românticos anjos “decaídos”*

#### *ANJOS DO CÉU*

Tenho um seio que delira  
 Como as tuas harmonias!  
 Que treme quando suspira,  
 Que geme como gemias!

Tenho músicas ardentes  
Ais do meu amor insano,  
Que palpitam mais dormentes  
Do que os sons do teu piano!

Tenho cordas argentinas  
Que a noite faz acordar,  
Como as nuvens peregrinas  
Das gaivotas do alto mar!

Como a dos teus dedos lindinhos  
O teu piano gemeu,  
Vibra-me os seios aos dedinhos  
Dos altos loiros do céu!

Vibra à noite do mistério,  
Se o banha o frouxo luar,  
Se passa teu rosto aéreo  
No vaporoso sonhar!

Como tremem seus dedinhos  
O saudoso piano teu,  
Vibram-me n'alma dos anjinhos,  
Os anjos loiros do céu! (AZEVEDO, 1999, p. 29)

Manuel Antônio Álvares de Azevedo, “um libertino, um devasso ou um estudante?” (OLIVEIRA, in AZEVEDO, 1999, p. 269). A própria vida do autor romântico foi e é uma incógnita. Muitos estudiosos e críticos debatem sobre a conduta do escritor e as possíveis causas de sua morte prematura. Interessante notar que o poeta sempre deixou transparecer em seus poemas o pessimismo e o desejo recorrente pela morte, o que de fato se concretizou quando ele completou 21 anos (idem, 1999).

Fruto de estudo quanto ao retrato que faz da figura feminina, “Anjos do céu” é um poema que traduz muito bem o desejo de morte do poeta disfarçado nas colocações de seu eu-lírico. Poder-se-ia dizer que Álvares de Azevedo encabeçava a lista dos poetas ultra-românticos de seu tempo<sup>2</sup>. A mulher ora carnal, ora espírito, é alçada pelo eu-lírico de maneira que esta não fique somente em um plano idealizado. Há um trânsito constante entre o ser humano e o divino. Exemplo disso já se comprova no início do poema. No primeiro quarteto há sons divinos (harmonias) entre as características físi-

---

<sup>2</sup> O ultra-romantismo era um segmento poético de influência francesa – esta, bem marcante no movimento romântico antes abordado – no qual predominava uma visão pessimista da vida. O escritor inglês Lorde Byron também foi um dileto modelo a ser seguido pelos autores ultra-românticos (OLIVEIRA, in: AZEVEDO, 1999).

cas e as espirituais; no entanto, no segundo quarteto, a música – que serve como ponte para a divinização – já se torna “ardente” e o amor “insano”.

Vale mencionar ainda que o poema inicia-se no plano divino – anjos do céu – e termina neste. Percebe-se também o saudosismo amoroso do eu-lírico direcionado ao anjo feminino no terceiro quarteto do poema. Contudo, a conotação que mais sugere as distintas posições dos anjos encontra-se nos paralelismos dos dois últimos versos da quarta e da sexta estrofes do poema. Se antes os “dedinhos” vibravam o “seio” do eu-lírico, agora vibram em sua “alma”. A expectativa de aproximar o humano e o divino torna-se mais evidente ainda.

Deve-se ressaltar um dado importante e acumulativo da obra que a torna essencialmente romântica. Os adjetivos e substantivos usados pelo eu-lírico para se referir aos anjos, são todos acrescidos de sufixos, o que demonstra a tentativa do eu lírico de estreitar sua relação afetiva com os “anjinhos, os anjos loiros do céu!”.

Com isso a mulher angelical que o eu lírico expõe idealiza-se de modo diferente. Os três primeiros quartetos são impregnados de erotismo<sup>3</sup>, no entanto, a partir daí, nota-se que a figura feminina torna-se fonte de aconchego materno, partindo então para outra vertente amorosa. Anteriormente, ao retratar o papel da mulher na sociedade burguesa do século XIX, foi discorrido sobre a figura materna, reiterando que esta era frágil, mas sabia ser forte e determinada quando preciso (idem, 1997). A ambiguidade do “anjo” no poema direciona-se para a mulher enquanto mãe e protetora, assim como está descrito no trecho acima, ao se caracterizarem as matronas românticas da época.

Portanto, pode-se concluir que os “anjos decaídos” do poema de Azevedo são mulheres divididas entre um mundo material e palpável, e outro, espiritual e transcendente. Há de se considerar que o eu lírico, diante da dualidade feminina, é visivelmente propenso ao lado divino da mulher, pois esta “vibra à noite do mistério/no vaporoso sonhar!”

### *A esfinge sem segredo:*

#### *a (des)mitificação da figura romanesca e emblemática da mulher*

Oscar Wilde foi uma pessoa excessivamente excêntrica para a sociedade de seu tempo. Os súditos da Rainha Vitória scandalizaram-se com o porte e os trejeitos afeeminados do escritor inglês. Suas obras, assim como seu próprio perfil, era um libelo contra a austera sociedade vitoriana da segunda metade do século XIX. Autêntico defensor dos clássicos, Wilde prezava o conceito de “arte pela arte” em seus textos. A busca do escritor pela beleza formal estava acima de qualquer código de valores ditado

---

<sup>3</sup> [...] ideal exótico e ideal erótico caminham lado a lado e também este fato constitui uma outra prova de uma veracidade bastante evidente, qual seja, o exotismo é normalmente uma projeção fantástica de uma necessidade sexual (MÉRIMÉE, apud PRAZ, 1996, p.186).

pelos órgãos sociais e utilitários de sua época, pois, segundo ele, “não existe livro moral, nem imoral. Os livros são bem ou mal escritos” (WILDE, 2009, p. 11).

Os textos em prosa de Wilde tinham como premissa mostrar sua revelia ante uma sociedade hipócrita que vivia de aparências. Tratava-se de um padrão clássico, que reinaugurava os moldes greco-latinos, retratando com isso, uma arte elevada direcionada à moral decadente da burguesia. Utilizando-se de figuras inusitadas como personagens, o escritor inglês criticou o aspecto sisudo da nobreza vitoriana e as relações desta nos âmbitos político e privado.

O conto “A esfinge sem segredo” coloca em xeque as relações da nobreza no âmbito privado. A narração da história é feita em primeira pessoa, envolvendo três personagens: o narrador (personagem anônimo), Lorde Murchison e Lady Alroy. Inicialmente, o narrador-personagem encontra-se sozinho no Café da paz, divagando sobre o ócio da vida parisiense. Nesse ínterim, chega seu amigo Lorde Murchison e os dois começam a dialogar sobre a aventura amorosa deste último.

Lorde Murchison começou falando da primeira vez que vira a dama e de sua fascinação diante de tal visão. Estava ele passeando em uma rua de intenso tráfego, quando a avistou dentro de um carro parado perto do passeio. Depois de tal acontecimento, para surpresa sua, encontrou-a novamente em uma das “reuniões” que Madame de Rastail, sua amiga, promovia. Imediatamente, ele pediu à Madame que o apresentasse àquela linda mulher.<sup>4</sup> Quando finalmente conheceu Lady Alroy, perguntou-lhe sobre a ocasião em que a viu em meio ao intenso tráfego. Em resposta “ela ficou muito pálida, dizendo as seguintes palavras em voz baixa: – por favor, não fale tão alto. Podem ouvi-lo” (WILDE, 2001, p. 371).

Desde então, uma densa atmosfera de mistério passou a envolver a figura de Lady Alroy, o que levou Lorde Murchison a apaixonar-se mais ainda por ela. A maneira duvidosa de aquela dama portar-se deixou o cavalheiro desiludido. Os dois nunca se encontravam e, apesar do pedido de casamento feito por Lorde Murchison, parecia que havia uma barreira intransponível entre os dois.

Lady Alroy andava por vielas escuras e ele a seguia curioso e intrigado com aquele tipo de comportamento. Um dia encontrou-a em uma casa de pensão tomando chá e, novamente, ela foi evasiva diante das perguntas do apaixonado cavalheiro. Profundamente irritado, Lorde Murchison inquiriu sobre as atitudes suspeitas da amada e vendo que não obteria resultado, deixou o antro e conseqüentemente a Inglaterra. Quando voltou, soube da morte de Lady Alroy, vítima de uma congestão pulmonar. Abatido, ele procurou desvendar o mistério que envolvia a figura daquela dama. Foi à pensão que ela frequentava com o intuito de tomar chá e descobriu que esta não se

---

<sup>4</sup> Uma estratégia matrimonial vigente no meio burguês é o casamento por apresentação. As “casamenteiras” se especializaram nisso. Em geral, eram velhas solteironas, primas ou amigas de família de boa sociedade, cujos costumes irrepreensíveis inspiravam confiança. Arranjavam encontros entre jovens que, em sua opinião, decerto combinariam (PERROT, 2009, p. 219).

encontrava às escondidas com ninguém. Ao acabar o relato, Lorde Murchison ouviu a seguinte dedução do narrador-personagem:

– Lady Alroy era simplesmente uma mulher com a mania do mistério. Alugava aqueles quartos somente pelo prazer de ir ali, de véu descido e imaginando ser uma heroína. Tinha paixão pelo segredo, mas não passava de uma simples esfinge sem segredo. (WILDE, 2001, p. 374).

Enquanto a mulher descrita no poema anterior é “anjo”, a que aparece no conto de Oscar Wilde é uma “simples esfinge sem segredo” (idem, 2001, p. 374). No texto poético a figura feminina é mitificada – ao mesmo tempo em que esta, a princípio, é um “anjo decaído” –, pois é através dela que o eu-lírico pretende alcançar a transcendência. No conto de Wilde, o escritor constrói uma personagem que, inicialmente, assemelha-se com a do poema de Azevedo. O narrador, ao ver a foto de Lady Alroy, descreve-a como uma mulher de “olhos misteriosos”, parecida com uma “clairvoyante”, ou seja, uma vidente (2001, p.371).

Nota-se que a figura feminina da fotografia é “mitificada” a partir deste momento. Toda a trama se condensa em cima de uma possível heroína romântica envolta em uma áurea de mistério. Para dar conta disso, em certas passagens, há uma espécie de desvalorização social da mulher, com o intuito de atrair o homem, ou seja, todo um clima romântico é tecido pelo autor com o objetivo de dar coerência a seu intento.

Deve-se sublinhar a quinta estrofe do poema de Álvares de Azevedo, em que a mulher angelical e misteriosa passa rapidamente pelo sonho do eu-lírico. Ao confrontar esse quarteto com as descrições feitas por Lorde Murchison em relação a Lady Alroy<sup>5</sup>, percebe-se que, nos dois casos, a figura feminina escapa tanto do eu-lírico quanto do cavalheiro apaixonado – este último, apaixonado mais pelo mistério que emanava de sua musa, do que por ela mesma.

O emblema da mulher burguesa se torna evidente por meio das colocações feitas acima. No poema, o anjo misterioso, que é a mulher, é idealizado através dos sonhos do eu-lírico, enquanto no conto, a dama transforma-se em uma criatura misteriosa a partir do momento em que esta deixa a alcova e passa a frequentar lugares públicos que não condizem com sua classe. A idealização emblemática da mulher pode ser vista da seguinte forma:

---

<sup>5</sup> “Durante toda a temporada via-a amiudadas vezes e a atmosfera de mistério sempre se manteve em torno dela. Às vezes pensava que se achava ela em poder de algum homem, mas parecia tão inabordável que não podia acreditar naquilo. Era realmente difícil para mim chegar a qualquer conclusão, pois era ela como um desses estranhos cristais que a gente vê em museus e que são, num momento, claros, e em outro, turvos” (2001, p. 371).

## EMBLEMA DA FIGURA FEMININA NAS DUAS OBRAS:

ENTE ESPIRITUAL \_\_\_\_\_ MULHER MISTERIOSA \_\_\_\_\_ SÍMBOLO SOCIAL

O esquema também sugere a limitação de espaços para a mulher, sejam eles no plano abstrato ou real. No entanto, convém ressaltar que o texto poético é mais abstrato que o conto, pois nele há um acúmulo de figuras de linguagem, as quais requerem maior sensibilidade por parte do leitor. Contudo, isso não interfere diretamente no que foi retratado há pouco no esquema. Tal afirmação justifica-se, embasada no que foi proposto anteriormente, ou seja, analisar a figura feminina do Romantismo e confrontá-la com os seguimentos estético-literários do escritor Oscar Wilde, já pertencentes à segunda metade do século XIX.

Pode-se concluir que a perspectiva romântica de idealização da mulher é paralela nas duas obras. No texto poético, nota-se que a mulher carnal é alçada para que o espírito seja alcançado. O “anjo decaído” volta ao seu posto etéreo. No conto, a densa nuvem de mistério recai sob Lady Alroy nas primeiras partes da narrativa, o que condiz com uma possível estética romântica.

Porém, percebe-se que a possibilidade não se concretiza e o desfecho de cada obra difere completamente quanto à figura romanesca da mulher. A última estrofe do poema mostra que o eu-lírico tem seus “anjos loiros” vibrando “n’alma”, ou seja, o espírito idealizado é finalmente alcançado. Já no conto ocorre uma reviravolta surpreendente. Se no texto poético o ideal romântico é confirmado pela mitificação da mulher, no conto de Wilde ele é totalmente refutado. No momento em que Lord Murchison descobre que sua amada não encontrava ninguém naquela pensão, e que esta frequentava aquele lugar apenas para tomar chá e ler alguns livros, todo o mistério romântico sustentado na figura feminina cai por terra. Ainda mais depois que o narrador-personagem responde ao amigo que “Lady Alroy era simplesmente uma mulher com a mania do mistério” (idem, 2001, p. 374).

Há, portanto, a (des)mitificação da mulher romântica e de seu emblema burguês, o que não restringe somente à sociedade vitoriana, mas também à burguesia de forma geral. A mulher romanesca, que antes era “anjo do céu”, passou a ser “uma simples esfinge sem segredo” (2001, p. 374).

### *Considerações finais*

A mulher que outrora fora “santificada”, é (des)mitificada por Wilde na segunda metade do século XIX. Deve-se, de fato, destacar que Lady Alroy não foi somente um símbolo de ruptura entre o perfil romântico e a modernidade do século. Seu papel

não se limitou a isso. O escritor inglês (des)mitificou e ao mesmo tempo emancipou a figura feminina dentro de uma sociedade austera e taxativa, comandada pelos homens.

No conto, a estratégia de manter a dúvida e a inquietação do pretendente quanto às atitudes da mulher não foi somente uma maneira de agir que comprazia o homem, mas também algo que transferia o comando da figura masculina para a feminina. Evidencia-se assim a tentativa de emancipar a mulher e tirá-la da sua condição de “dama submissa”.

Há também a questão psicológica dentro da narrativa. A incompreensão de Lorde Murchison quanto ao comportamento das mulheres é algo que se reflete no leitor que aprecia a obra (ainda mais se este for homem). A pergunta que o cavalheiro inglês faz ao narrador-personagem é matéria de discussão até hoje. Afinal, ainda hoje, os homens afirmam não compreender as atitudes singulares das mulheres.

As mulheres, segundo o narrador, “são feitas para serem amadas e não para serem compreendidas” (2001, p. 370). Com esta frase de efeito, finda-se o presente artigo.

*Rafael Geraldo Vianney Peres* é aluno do 6º período de Letras. Trabalho realizado sob orientação do Prof. D. Luís André Nepomuceno.

### ***Referências bibliográficas***

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos Vinte anos*. Coord. editorial: Elvira de Oliveira e José Sacchetta. São Paulo, 1999. 273p. (Coleção vestibular).

PRIORE, Mary del e BASSENEZI, Carla (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. 678p.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada. Vol. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottmam e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 595p.

PRAZ, Mario. *A Carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. 473p.

WILDE, Oscar. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2009. 207p. (Coleção a obra-prima de cada autor).